SAÚDE DO EX-PRESIDENTE

Moraes libera visitas durante a internação

Equipe médica observa quadro de Bolsonaro para decidir sobre uma nova cirurgia

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» ALÍCIA BERNARDES

Reprodução/Instagram @carlosbolsonaro



Ex-presidente deu entrada em hospital na sexta-feira após sentir dores abdominais; não há previsão de alta

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), autorizou que três filhos de Jair Bolsonaro — o senador eleito Carlos Bolsonaro (PL-SC), o deputado eleito Jair Renan Bolsonaro (PL-SC) e a filha caçula, Laura Bolsonaro — possam visitar o ex-presidente diariamente enquanto durar sua internação no Hospital DF Star, em Brasília.

Bolsonaro está sem tornozeleira eletrônica e sob monitoramento ininterrupto de policiais militares. A informação foi enviada pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) a Moraes. O equipamento foi retirado temporariamente e deverá ser recolocado após a alta hospitalar.

Jair, de 71 anos, cumpre prisão domiciliar por determinação do STF, após condenação a 27 anos e três meses de prisão por envolvimento na tentativa de golpe de Estado. A custódia é acompanhada pela Justiça, assim como deslocamentos para atendimento médico e visitas autorizadas.

Também estão permitidas as visitas de sua esposa, a ex-primeira-dama e senadora eleita Michelle Bolsonaro (PL-DF), que regressou, ontem à noite, a Brasília após viagem a Israel, e da enteada, Letícia Firmo.

Bolsonaro deu entrada no hospital particular na tarde de sexta-feira após apresentar um quadro de dor e distensão abdominal. Uma tomografia identificou sinais de inflamação e obstrução quase completa do intestino delgado. De acordo com Carlos, foi colocada novamente uma sonda nasogástrica no pai para permitir a retirada de resíduos alimentares.

A equipe médica observa o quadro para decidir sobre necessidade de nova cirurgia, a depender da evolução do ex-presidente, destacou o cardiologista Brasil Caiado divulgada ontem.

O boletim publicado pelo Hospital DF Star na tarde de sábado informou que o capitão reformado está internado em unidade de terapia intensiva (UTI) com "abdomem agudo obstrutivo". O documento também dizia que o ex-presidente apresentou, até a tarde de ontem, "quadro clínico estável, age de forma consciente e respira normalmente". Segundo os médicos, porém, Bolsonaro só receberá alta do hospital depois de conseguir evacuar. Até o fechamento desta edição, não havia previsão de liberação.

> **Há esperança de que o quadro se reverta. Ele está sendo acompanhado de perto e lutando para que o funcionamento do intestino volte, com a raça e o foco de sempre. Nenhuma hipótese está descartada. Um dia de cada vez"**
>
> ***Carlos Bolsonaro (PL-SC),*** *senador e filho de Bolsonaro*

Carlos relatou preocupação com a evolução do estado de saúde de Bolsonaro. De acordo com ele, o ex-chefe do Executivo enfrentou, na madrugada de sábado, fortes dores, náuseas, vômitos e episódios de distensão abdominal. Em publicação feita nas redes sociais, o filho "03" disse que nunca havia presenciado o pai em condições semelhantes, especialmente por conta da intensidade dos sintomas. "Não sou médico, mas jamais o vi assim", escreveu.

Em outra postagem, Carlos afirmou que "há esperança de que o quadro se reverta". "Ele está sendo acompanhado de perto e lutando para que o funcionamento do intestino volte, com a raça e o foco de sempre. Nenhuma hipótese está descartada. Um dia de cada vez", disse.

Rede de orações

Puxados pelo ex-candidato à Presidência Kelmon Luis Souza (PL), conhecido como Padre Kelmon, religiosos fizeram, ontem, orações para Jair Bolsonaro, em cânticos realizados em frente ao DF Star. Segundo o grupo, que inclui católicos e evangélicos, as preces são feitas entre 9h e meia-noite, a cada três horas. O Padre Kelmon disse que pedirá a Alexandre de Moraes para visitar Bolsonaro e lhe dar a "extrema-unção" — sacramento cristão destinado a pessoas que enfrentam enfermidades graves.

LIVROS

"Só se sabe o que é a liberdade quando a perde"

» ROSANA HESSEL

Rafaela Cassiano



A jornalista Miriam Leitão ocupa a Cadeira 7 da ABL desde 2025

Uma dançarina vestida de vermelho começa a rodopiar enquanto aguarda pessoas que se aproximam para o seu linchamento. Essa imagem inicial nasceu em 2018, durante um dos mais violentos ataques de ódio sofridos pela jornalista e escritora Miriam Leitão, e deu origem ao romance distópico *A Dança de Elisa* (Editora Intrínseca), que será lançado em Brasília, na próxima terça-feira, com noite de autógrafos a partir das 19h, na Livraria da Vila do Shopping Iguatemi.

"Eu já recebi vários outros ataques, mas esse foi marcante pela dimensão e me deu inspiração e também as conversas com pessoas que, de repente, também viram alvo e sentem muito sofrimento com esses ataques de ódio", explica Miriam, em entrevista ao **Correio**. A jornalista da TV Globo estava no meio da cobertura da campanha de 2018 quando foi vítima de usuários nas redes sociais.

A obra trata, basicamente, sobre a perda da liberdade das mulheres em uma sociedade autoritária, de acordo com a autora. Ela conta que demorou para concluir o livro, porque foi revisitando o texto ao longo dos últimos anos. "No meio do caminho, teve a pandemia da covid-19 e precisei aumentar meu trabalho no jornalismo, mas ainda escrevi outros dois livros", acrescenta ela, citando as obras *A Democracia na Armadilha: crônicas do desgoverno*, de 2021, e *Amazônia na Encruzilhada: o poder da destruição e o tempo das possibilidades*, de 2023.

A Dança de Elisa é o terceiro romance adulto de Miriam Leitão e a 17ª obra da imortal, que ocupa a Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde o ano passado.

Fio-condutor

De acordo com a escritora, o fio-condutor do livro é a liberdade, de forma geral, em torno de Elisa e de várias personagens mulheres uma cidade fictícia sob um governo autoritário e perseguidor de mulheres denominado "Nova Ordem". "Essa coisa tênue que é a liberdade vai se perdendo. Você só sabe exatamente o que é a liberdade quando você a perde. E se você a perdeu, já é tarde demais. Quando a liberdade está aqui entre nós, ela parece natural. É como o ar que se respira. Mas tira o ar, você vai sentir a falta, e aí vai entender o que é o ar. A liberdade é assim. Ela é um objeto grande demais que a gente, quando está muito perto, não consegue enxergar", ressalta.

A jornalista e imortal conta, ainda, que o livro é atemporal, mas tem muitas semelhanças com o momento atual e também com a época da ditadura militar sob o Ato Institucional número 5, o A I5, o mais duro nos anos de chumbo. E, no livro, essa "Nova Ordem", em menos de uma década, acaba com as liberdades que pareciam conquistadas e estabelecidas, inclusive, proíbe as mulheres de se reunirem em público, de andar na rua, de exercer diversas atividades — tudo para "protegê-las", conforme prega a revolução restauradora dos valores da família, da religião e da pátria.

"Estamos vivendo um tempo de muito ataque às mulheres e muitas pessoas com vozes muito conservadoras, defendendo coisas impensáveis tempos atrás, como, por exemplo, o fim do voto feminino. Então, por isso, esse livro está no cotidiano e, ao mesmo tempo, é atemporal, porque as mulheres enfrentaram isso em outros momentos da história", explica ao detalhar o novo romance de 224 páginas.

Serviço



Noite de autógrafos

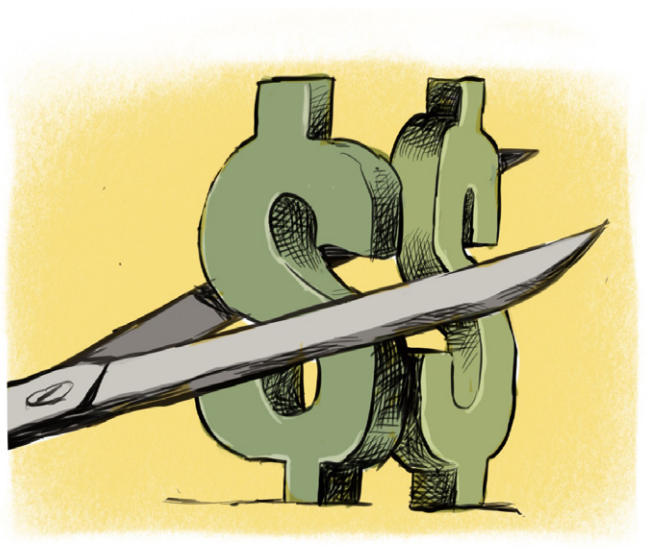
Lançamento do livro *A Dança de Elisa* (Editora Intrínseca)
Local: Livraria da Vila, Shopping Iguatemi de Brasília
Horário A partir das 19h

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br



A velha polêmica entre Smith, Ricardo e Marx e o ajuste fiscal de Lula

Por que a taxa de lucro tenderia a cair à medida que o capitalismo se torna mais produtivo? No terceiro volume de *O capital* (Boitempo), Karl Marx formulou a questão a partir de uma contradição. Para ganhar mercado e reduzir custos, cada empresário investe em máquinas e tecnologia. Quando esse movimento se generaliza, cresce o peso do capital aplicado em equipamentos, instalações e insumos em relação ao destinado à força de trabalho. Na teoria de Marx, é o trabalho vivo que cria a mais-valia, da qual deriva o lucro. Se a proporção entre mais-valia e salários se mantém e o capital total investido cresce mais depressa, a taxa de lucro tende a cair, mesmo que a produção e a massa de lucros aumentem.

Adam Smith via na concorrência entre capitais em expansão a força que comprimia os lucros. David Ricardo procurou a causa na distribuição da renda. À medida que se cultivavam terras menos férteis, produzir alimentos exigia mais trabalho. A subsistência encarecia, elevava-se o custo dos salários e diminuía a parcela destinada aos lucros. Marx deslocou a explicação para a composição do capital. A inovação que dá vantagem ao empresário pioneiro, quando generalizada, pode pressionar a rentabilidade de todos. O barateamento dos equipamentos e o aumento do valor apropriado pelo capital podem contrariar essa tendência.

A inteligência artificial trouxe de volta essa polêmica. A automação, antes associada sobretudo à fábrica, alcança tarefas de escritório, do atendimento ao cliente à programação. Uma empresa pode processar mais pedidos com a mesma equipe, reduzir contratações ou deslocar empregados para outras funções. Pode também baratear seus serviços e ampliar a clientela. Mas a maior parte do ganho pode ficar com quem fornece os modelos, os chips e a capacidade de computação. É mais ou menos o que acontece, por exemplo, na relação entre ortodontistas e fornecedores de alinhadores de última geração.

Quanto desse ganho se converte em preços menores, novos empregos e salários, e quanto fica concentrado nas empresas que controlam a tecnologia? Se os postos criados e os ganhos salariais ficarem aquém da renda perdida com a automação, a massa salarial real pode encolher mesmo com o aumento da produtividade. Uma empresa recompõe sua margem reduzindo a folha. Quando muitas fazem o mesmo, diminui a renda de quem compra o que elas produzem. É aí que o crédito adia esse encontro de contas. As famílias sustentam o consumo a prestações e as empresas financiam estoques, investimentos e capital de giro contando com receitas futuras.

O limite chega quando as prestações absorvem parcela crescente da renda das famílias e as empresas passam a depender da renovação de empréstimos para pagar despesas correntes. Com crédito caro ou escasso, caem as compras e as vendas. Empresas demitem e adiam investimentos. O Estado entra em campo com transferências e investimentos, ou seja, aumenta o gasto público. Se também se esgota sua capacidade de financiamento para esse compensar a retração, a crise será inevitável. Porque a despesa que um setor corta é a receita que o outro perde. A capacidade de arrecadação do governo bate no teto.

Quem paga a conta

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na transmissão com o deputado André Janones (Rede-MG), ilustrou o dilema. Definiu o projeto aprovado pelo Senado como um ajuste para administrar o Orçamento de 2027. Reafirmou que preservará os programas sociais, defendeu o ministro do Planejamento, Bruno Moretti, das críticas da esquerda e atacou os "yuppies da Faria Lima". A promessa tem uma dimensão econômica. Em famílias que gastam quase tudo o que recebem, o benefício pago pelo governo vira receita imediata do comércio e dos serviços.

O projeto deve ser votado pela Câmara amanhã. Permite reduzir de 2,5% para 2% acima da inflação o limite de crescimento das despesas do governo. Também autoriza limitar a compensação de créditos tributários pelas empresas. Moretti estima um efeito de R$ 46 bilhões a R$ 56 bilhões nas contas de 2027. Analistas do mercado, porém, veem no pacote um primeiro passo, mas insuficiente para estabilizar a dívida, que também depende dos juros, do crescimento e das expectativas para os próximos anos.

O desafio do quarto governo Lula é recuperar margem fiscal enquanto a inteligência artificial muda a distribuição dos ganhos de produtividade. Se esses ganhos se traduzirem em renda, emprego e preços menores, haverá mais espaço para o consumo crescer sem depender tanto do crédito. Se vierem acompanhados de uma folha menor e de ganhos concentrados, o endividamento sustentará as vendas por algum tempo. Na queda de braços entre o governo Lula e a Faria Lima, quem vai comprar o que a economia produz quando o salário perde força e o crédito chega ao limite?

É aqui que a velha polêmica está de volta. A persistência de juros altos restringe a margem do Tesouro e encarece o crédito de famílias e empresas. Melhora o caixa da União, mas pressiona o das empresas. Cortar transferências de famílias, por sua vez, limitará as vendas. Se o investimento e o emprego recuam, o próprio ajuste é engolido pela queda da arrecadação. Quando famílias, empresas e Estado perdem a capacidade de se financiar ao mesmo tempo, a crise se resolve pela queda da produção e do emprego. O desafio de Lula é encontrar uma saída que evite esse cenário.